

MERCOSUL ENTRE FICÇÃO E REALIDADE

Roberto Rodrigues*

O Mercosul é um projeto politicamente importante para o Brasil, e deveria ser também para os outros países que o compõem. No mundo todo organizam-se blocos similares, com o objetivo de aumentar o poder negociador em todas as áreas, inclusive no comércio.

No caso do Mercosul, o aumento do comércio intra-bloco é um determinismo geográfico irrecorrível: a proximidade física exigiu este crescimento, que, de fato, aconteceu: em 1995, era de U\$ 12.997.692.131, e, dez anos depois, em 2005 foi de U\$ 18.777.288.122. E, para nós, isto é positivo hoje em dia, porque somos superavitários.

No entanto, nas relações com terceiros países, não vimos agindo como bloco. Ao contrário, somos concorrentes, especialmente no agronegócio, setor em que disputamos os mesmos mercados para soja, milho, carnes, derivados de leite e frutas. Na verdade, deveríamos fortalecer as cadeias de produtos exportados, de forma a construir uma plataforma exportadora do bloco.

E, em outros setores, o que tem havido é uma sucessão de desentendimentos que colocam a idéia do bloco em cheque: foi assim com a linha branca de eletrodomésticos, com a indústria automobilística, e está sendo assim o litígio entre Argentina e Uruguai na questão da instalação de uma fábrica de celulose e papel.

Estamos diante de uma ficção? Seria um sonho impossível o sonhado por Alfonsín e Sarney nos anos 80?

Até hoje, as harmonizações macro econômicas não se efetivaram, como as políticas cambiais, fiscais, tributárias, monetárias, para citar apenas algumas. E isto acaba dificultando acordos com outros blocos ou países.

Que dizer do descompasso quanto às ambições brasileiras no BID, na OMC ou no Conselho de Segurança da ONU, em que nossos candidatos não foram apoiados? Ou teremos errado nós?

Como manter a unidade, se países do bloco fizeram acordos bilaterais com outros países, enquanto o Brasil defende o 4 x 1?

A entrada da Venezuela é um fato importante, tão importante quanto a vinda ao Mercosul da Colômbia, do Equador, do Peru, das Guianas, do Chile, porque o que queremos todos é reforçar politicamente a região, com o Mercosul ampliado para toda a América do Sul. Mas, porque não vêm os outros países? E a entrada da Venezuela isoladamente ajuda alguma coisa aos países que deram origem ao bloco? Comercialmente, sim, se aquele país efetivamente adotar o programa de liberação comercial e assumir os acordos celebrados pelo Mercosul no marco do Tratado de Assunção. Mas como ficamos frente aos outros blocos que vêm no líder venezuelano uma ameaça à democracia na região? Não importa se a ameaça existe ou não, mas a política, assim como o mercado, também é movida a expectativas. Talvez isto represente um ponto de inflexão nos rumos das relações inter-blocos, em que o aspecto comercial econômico passa a um plano ainda mais secundário, em favor da prioridade política.

Para o agronegócio brasileiro, o Mercosul tem acrescentado muito pouco. Em primeiro lugar, representa apenas 3% do nosso mercado de exportados, quase nada diante dos grandes importadores como a União Européia, os Estados Unidos e agora a Ásia, com ênfase para a China. E nós somos um enorme mercado para trigo, arroz, leite e derivados,

vinhos, etc, para os nossos vizinhos, mas nem sequer conseguimos vender açúcar para a Argentina, por causa das tarifas de lá.

E ainda tem o MAC (Mecanismo de Adaptação Competitiva) que cria dificuldades adicionais.

Por que não nos somamos para exportar soja para terceiros países? Ou carne, ou leite? Porque não nos integramos comercialmente, embutindo milho argentino no suíno e nas aves brasileiras para vender na Ásia?

Na verdade, cada um torce pela seca ou pela ferrugem no outro, para tomar-lhe o mercado. No leite mesmo, em que tínhamos tudo para nos somarmos, estamos perdendo terreno. A CONAPROLE, a grande cooperativa de leite do Uruguai, fez parceria com os neozelandeses. Vamos agora competir dentro do bloco, com os concorrentes da Oceania.

A SANCOR, gigante leiteira da Argentina, associou-se à Venezuela. E nós, no Brasil, assistimos a isto tudo, sem ação.

Claro que, em comércio, não há santidade; a disputa por mercados leva todos os atores a agirem rigorosamente.

Agora, vivemos uma outra questão com a Argentina, no trigo.

Até o ano passado, o imposto de exportação do trigo argentino para o Brasil, desde abril de 2002, era de 20%, igual ao imposto de exportação da farinha de trigo. Criaram então uma certa “mistura de farinha do trigo”, onde incluíam alguns outros componentes, como o sal, com imposto de apenas 5%. O diferencial de alíquotas estava beneficiando os moinhos argentinos em detrimento do setor produtivo e industrial brasileiro, pois, com isso passou a entrar mais esta mistura no Brasil.

A partir de agosto do ano passado, a aduana brasileira comprovou, por análises de laboratórios, que havia fraudes no comércio bilateral deste produto: as importações de farinha foram substituídas pelas importações de misturas somente no papel, pois no ato declaratório, a mercadoria constava como mistura, quando, na realidade, grande parte das partidas continha farinha de trigo. Assim sendo, diminuiu a entrada da mistura.

Em outubro de 2006, a Argentina reduziu também para 10% o imposto de exportação da farinha, mas o trigo, matéria prima, continua taxado em 20%. Com isso, vamos importar mais farinha e toda a cadeia produtiva vai sofrer: os produtores porque seu trigo perde prioridade, e os moinhos, que passarão a ser distribuidores da farinha argentina.

Já é tempo de termos clareza sobre quem quer e quem não quer o Mercosul. E mais ainda: que Mercosul?

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Presidente do Conselho Superior do Agronegócio da FIESP, professor do Departamento de Economia Rural da UNESP - Jaboticabal**